

# Genealogia – Um Estudo de Famílias Sertanejas da Bahia, Por José Dionísio Nóbrega

*Eldon Canário<sup>1</sup>*

A Genealogia, também conhecida como ciência auxiliar da História, tem como objetivo estudar a origem das pessoas e das famílias, mediante o levantamento sistemático de seus antepassados e descendentes, locais onde nasceram e viveram e seus relacionamentos interfamiliares. É, portanto, uma ciência de raiz histórica, que estuda as famílias de determinada área geográfica, ou o seu deslocamento para regiões próximas ou distantes de sua origem, e que exige do estudioso, o genealogista, um trabalho paciente e longo, com deslocamentos constantes, entrevistas confiáveis e manuseio paciente de documentos, especialmente livros de notas em tabelionatos e de registros de pessoas naturais, nos cartório onde possa haver qualquer referência ao pesquisado ou à sua fa-

mília. Por isso, é também conhecida como Ciência da História da Família.

Mas as pesquisas desenvolvidas pelo genealogista não se limitam apenas aos cartórios, podendo também ser feitas em igrejas, arquivos públicos, museus e bibliotecas. Se o trabalho se resume a uma única personalidade, o caminho não é tão árido, porque o pesquisador pode, com certeza, concentrar-se em determinados locais, número reduzido de entrevistados e um ou dois ramos de família a pesquisar, já que a genealogia é a ciência da relação de parentesco.

O culto à Genealogia remonta à antiguidade. O exemplo mais conhecido é o da Bíblia que é pródiga em genealogias. O povo judeu dava muito valor aos seus antepassados e, por isso, sempre procurou registrar as ascendências e descendências dos seus he-

<sup>1</sup> Advogado, romancista e memorialista.

róis e líderes, o que permitiu o conhecimento de personagens que fizeram a sua História.

Vejam, a título de exemplo, a genealogia de Adão até Noé, personagens bastante conhecidos, mesmo para os menos crentes, que se encontra no Livro Gênesis, 5, 3, 32: Adão gerou Sete; Sete gerou Enos; Enos gerou Cainã; Cainã gerou Maalalel; Maalalel gerou Jared; Jared gerou Enoque; Enoque gerou Matusalém, que gerou Noé. Essa genealogia é bastante simplificada, pois mostra, apenas, um dos filhos de cada personagem, como na de Abraão, que gerou Isac, que gerou Jacó... etc. Se fosse completa, teria que contar com todos os demais. Mas, na Bíblia, a investigação se preocupa, apenas, com os personagens de mais destaque na história do povo judeu.

Curioso é que, na sociedade judaica, por ser patriarcal, não se vê, normalmente, nomes de mulheres. Podemos encontrá-las na genealogia de Jesus. Fica claro que, sem elas, não haveria descendência.

A leitura de árvores genealógicas constitui-se, quase sempre, uma tare-

fa árida, pouco agradável, a não ser que o leitor tenha interesse específico, como pesquisar um vulto da História, um personagem famoso, ou de alguém que lhe seja vinculado por sangue ou união matrimonial. Se a leitura pode ser, digamos um sacrifício, imagine-se a tarefa de buscar ancestrais e descendentes. Só mesmo alguém determinado a desvendar mistérios e trazê-los à luz pode vencer as inúmeras e difíceis barreiras que se apresentam diante de quem se dispõe a elaborar um estudo sério e metódico, para estabelecer a genealogia de uma família que teve atuação destacada em alguma parte do mundo, às vezes por um longo período, e até séculos.

É o caso de um dos mais destacados genealogistas da Bahia, José Dionísio Nóbrega, membro da Academia de Letras e Artes de Salvador – ALAS – e do Instituto Genealógico da Bahia, onde ocupa a função de Conselheiro Fiscal. Nascido no Município baiano de Euclides da Cunha abraçou, por opção, a tarefa de estudar acontecimentos de destaque na região do Nordeste

baiano, empolgando-se com o tema da Guerra de Canudos, a vida de Antônio Conselheiro e, por consequência, a do escritor que deu nome à sua terra natal, imortalizado pelo fato de ter escrito o magnífico livro *Os Sertões*, sobre a Campanha de Canudos.

Como um assunto puxa outro, Dionísio, que se destaca pela capacidade de descer a detalhes, memorizar datas, locais e pessoas, foi-se empolgando com certos indivíduos, vivos ou já desaparecidos, que, antes, durante e após o doloroso conflito sertanejo, destacaram-se, nas fazendas, povoados, vilas e cidades da região.

Autor do excelente livro *EUCLIDES DA CUNHA E O SERTÃO DE CANUDOS* – um ensaio sobre o povoamento da região, obra de fôlego, na qual nos revela os troncos familiares que povoaram essa parte da Bahia, Dionísio nos brindou, em seguida, com quatro “opúsculos”, como ele mesmo denomina cada um de seus livros, todos eles mostrando-nos a genealogia de inúmeras famílias do sertão nordestino baiano e o povoamento do seu território, formado por terras quase

sempre inóspitas, marcado, no passado, pela presença de Lampião e Antônio Conselheiro.

Andando como o beato Peregrino e o bando do famoso cangaceiro, usando, agora, meios mais modernos de locomoção, Dionísio Nóbrega perambulou por fazendas, arraiais, povoados, vilas e cidades, ouvindo os mais velhos, ou manuseando os empoeirados livros de escrituras e registros nos cartórios dos lugares por onde passava, subindo na árvore genealógica de cada um dos indivíduos pesquisados, registrando nomes de pais, avós, bisavós, tataravós, até quando pôde e lhe foi possível, verificando os vínculos desses desbravadores com a conquista ou aquisição de propriedades rurais, bem como a constituição de famílias, os vínculos entre uma e outra, naturalmente pelo matrimônio, contando-nos histórias empolgantes de mulheres e homens destemidos e, por consequência, da região onde o intrépido pesquisador nasceu e se criou, compreendida entre as barrancas do São Francisco e o Vale do Vaza-Barris, até a fronteira com o vizinho Estado de Sergipe.

Como nos ensina Norberto Bobbio, filósofo italiano, se o mundo do futuro se abre para a imaginação, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade.

Considerado, com justiça, o mais destacado genealogista de famílias povoadoras de parte do nordeste da Bahia, José Dionísio Nóbrega, após décadas de pesquisas criteriosas e detalhadas, conseguiu, com a publicação do seu profícuo trabalho, levar-nos aos nossos antepassados, ou trazê-los até os nossos dias, para homenageá-los e agradecer-lhes pela tarefa hercúlea de varar o tempo, em locais inóspitos e trazer, até nós, seus descendentes, a honradez, a dignidade, a coragem e a determinação de continuarmos a tarefa iniciada lá atrás.

Incansável em suas andanças pelas veredas do sertão da Bahia e alhures, observador perspicaz, Dionísio Nóbrega descreve as pessoas e a região com tanto realismo, que parece caminhar ao lado do leitor, segurando-lhe a

mão, pedindo-lhe a atenção, mostrando-lhe cada lugar, os riachos, os cursos d'água, as serras e a gente dali.

Dos quatro livros, ou opúsculos, como ele próprio faz questão de denominar, escolhemos aquele que mais tem a ver com o povoado histórico de Canudos, focado na figura de um dos seus mais notáveis filhos. Dentre tantos homens destemidos e mulheres determinadas, que empolgaram Dionísio no seu trabalho como genealogista, faremos menção especial a um desses heróis esquecidos, nascido em Canudos. Refiro-me a Enock Canário, como símbolo do sertanejo autêntico. Ao narrar sua vida, desde o seu nascimento, na fazenda Barra, localizada nos arredores de Canudos, antiga fortaleza do beato Antônio Conselheiro, Dionísio termina por nos legar, talvez involuntariamente, uma obra literária que é um misto de ensaio, romance épico e poesia.

Em conferência pronunciada em 1º de junho de 2009, no Memorial Antônio Conselheiro, na nova cidade de Canudos, construída nas proximidades da barragem do açude Cocoro-

bó, por ocasião do centenário de nascimento de Enock Canário, Dionísio Nóbrega declarou:

I - “A ideia só surgiu mesmo quando resolvi escrever sobre a presença dos Macedo e Araújo e dos Canário no povoamento das Canudos ressuscitadas. Ninguém na região canudense melhor do que Enock para representar simultaneamente essas duas grandes famílias. Corre-lhe nas veias o sangue do primeiro Macedo e Araújo, morador na fazenda Laje, no Município de Tucano. Pelo lado paterno, pode-se dizer que Enock é um Macedo e Araújo duplo. João Marinho Filho tem como genitores João Marinho de Macedo e Rita Maria de Macedo, ambos primos carnais. Capitão João de Macedo (pai de D. Ritinha) e José Thomé de Macedo (pai de João Marinho) são irmãos. Daí vem o título “De Tucano para Canudos”, do primeiro capítulo do livro “ENOCK – UM CANÁRIO PROTEGIDO DE SANTO ANTÔNIO DOS CANUDOS”.

II - “Como o primeiro Canário de que descende Enock morava no Desterro de Monte Santo, sítio de onde saiu para

a fazenda Barra (vizinha à de Canudos) o seu avô Brasilino, acompanhado da esposa e da maioria dos filhos, (inclusive D. Pombinha, mãe de Enock), denominei o segundo capítulo de “Do Desterro para a Barra”.

III - Por ter sido Enock o grande noiteiro do dia 9 de junho, e muito interessado pelas coisas de Santo Antônio, tentei resgatar um pouco da história dos festejos, a partir dos anos 20.

Além dos requisitos familiares – centralizados na figura de Enock Canário, que atuou como volante no encaicho de Lampião, quando conheceu a esposa, D. Maria, no arraial do Canché, tornando-se depois comerciante, profissão que abraçou para sustentar a família –, Dionísio, no referido livro, resgata, em boa parte, o dia-a-dia do histórico povoado de Canudos, as suas inesquecíveis festas, especialmente a do padroeiro Santo Antônio, cuja imagem ali chegou no dia 1º de junho de 1909, mesma data do nascimento de Enock.

Num estilo poético, certamente para amenizar a aridez da linguagem

do genealogista, Dionísio Nóbrega descreve a igreja abarrotada de fiéis, nas noites de primeiro a 13 de junho, os cânticos religiosos, a doce melodia da zabumba, os espetáculos pirotécnicos, os leilões no barracão da feira e os bailes abrilhantados por personalidades ilustres da região e animados por magníficas orquestras ou jazz, contratados em outras plagas.

Felizmente, existe esta ciência, embora tão pouco cultivada, a genealogia, que tem o poder mágico, tal qual a literatura, de perenizar lugares e pessoas. Os grandes estudiosos e os autores mais iluminados, como Dionísio Nóbrega, são capazes de eternizar os atos humanos, os seus atores e até os lugares que deixaram de existir, como Troia e Canudos.

Por isso, não importa que a Canudos de Enock Canário, de seus pais e descendentes, hoje coberto pelas águas do açude Cocorobó, não mais esteja ao alcance do olhar humano. Os que desejam, por curiosidade ou afeto, conviver com os habitantes do histórico povoado já desaparecido, que se dispersaram pelo mundo, ou passear

nas tranquilas ruas e na velha Praça de Canudos, onde ficavam o barracão e a igreja de Santo Antônio, basta abrir o livro aqui lembrado e se deleitar com a sua leitura.

Salvador, 09 de junho de 2013.